

Reportagem Especial

ÍNDICES DA VIOLÊNCIA

Medo no bairro campeão de mortes

O bairro Feu Rosa, na Serra, lidera ranking de mortes e baleados na Grande Vitória. Moradores dizem que são reféns do tráfico

Michelli Possmozer

Os números da violência em Feu Rosa, na Serra, refletem uma realidade de insegurança e medo para os cerca de 20 mil moradores do bairro, que são reféns da criminalidade.

Entre o primeiro dia do ano até o dia 30 de setembro, 14 pessoas foram assassinadas, além de 12 baleadas, estatística que torna o bairro campeão de mortes, entre os quatro principais municípios da região metropolitana.

Em segundo lugar no ranking de homicídios está o bairro vizinho, Vila Nova de Colares, com 13 assassinatos e oito baleados. Já Barramares, em Vila Velha, disputa a terceira posição, com 13 homicídios e cinco baleados.

Nos outros dois municípios a realidade de violência não é diferente. Em Flexal II, Cariacica, 12 pessoas foram mortas e quatro foram baleadas este ano. Enquanto São Pedro, Vitória, computou 8 assassinatos e 10 tentativas de homicídio.

O levantamento foi feito pela reportagem de **A Tribuna** com base nos dados de assassinatos e tentativas contra a vida divulgados no site da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (Sesp).

Segundo um policial militar que atua há mais de sete anos na Serra e não quis se identificar, o alto número de mortes nos dois bairros do município deve-se à disputa pelo controle do tráfico de drogas e à cultura de violência motivada pela sensação de impunidade.

E em decorrência da falta de punição e ameaças está o silêncio de moradores que não têm coragem de testemunhar um crime que tenha ocorrido diante deles.

“Se a gente abrir a boca para falar alguma coisa, é ameaçada de morte até por crianças. Melhor ficar calado e continuar vivo”, desabafou uma moradora de Feu Rosa, que preferiu ficar no anonimato.

Outra moradora do bairro contou que tem muito medo de bala perdida e disse que só consegue dormir à noite depois que todos os filhos estão em casa.

“Quase perdi minha filha, que estava na praça com o namorado, à noite, quando um homem caiu morto de tiro do lado dela. E se aquela bala tivesse atingido minha menina?”, questionou a mãe.

Uma conselheira tutelar relatou que fica angustiada com a forma como a comunidade lida com a violência. “Fiquei perplexa quando vi um corpo estendido no chão e, ao lado, uma criança sentada comendo chips. A violência faz parte da rotina deles”.

Raio-x do bairro Os números da criminalidade em Feu Rosa



O QUE HÁ NO BAIRRO

Mapa mostrando a localização de Feu Rosa em relação a Vila Nova de Colares e Nova Zelândia, na Serra.

20 MIL HABITANTES

1 posto de saúde : 5 escolas : 3 creches públicas : municipais

1 UNIDADE DA PM : 8 radiopatrulhas e 16 PMs

SEGUNDO A ONU, para garantir a segurança seria necessário um policial militar a cada 250 habitantes, ou seja, 80 policiais em Feu Rosa.

NÚMEROS QUE ENVERGONHAM

Homicídios registrados de janeiro a julho deste ano

FEU ROSA	ROCINHA (RJ)*
20 MIL HABITANTES	241 MIL HABITANTES
12 ASSASSINATOS	15 ASSASSINATOS

TAXA DE HOMICÍDIOS NO BRASIL

22,7 a cada 100 mil habitantes

(*Área Integrada de Segurança Pública que abarca Leblon, Lagoa, Ipanema, São Conrado, Gávea, Vidigal, Rocinha e Jardim Botânico)

Fonte: Site do Instituto de Segurança Pública (ISP) do RJ e relatório da ONU

Até festa de aniversário é fiscalizada

Nem mesmo os convidados de uma festa de aniversário que aconteceu em setembro na Rua dos Eucaliptos, em Feu Rosa, na Serra, escaparam da fiscalização de traficantes.

Foi o que contou uma estudante de 16 anos, que mora no bairro e convidou os amigos de fora da região para festejarem com ela. “Vários amigos meus foram de moto, mas, como existe uma regra

ali de só pilotar sem capacete e eles não sabiam, um traficante foi lá de madrugada e queria entrar na festa para ver quem eram meus convidados”, relatou.

A estudante contou que acabou com a festa e mandou todos embora, para não gerar transtorno.

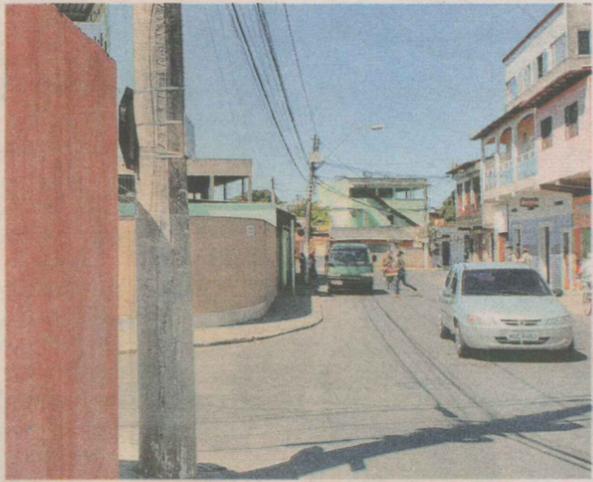
Segundo a adolescente, todos que passam de moto na rua dos Eucaliptos são obrigados a não usar capacete, caso contrário, são abordados pelos traficantes.

“Acho que eles fazem isso para não serem surpreendidos por algum rival”, opinou.

Segundo um morador, um amigo dele foi multado e teve a moto apreendida pela polícia porque pilotava sem capacete na região.

“Se andar de capacete, corre risco de levar tiro. Se não usar, leva multa. Está complicado viver aqui”, reclamou.

A RUA DOS EUCALIPTOS é considerada a rua onde mais se mata. Somente este ano, duas pessoas foram assassinadas e três foram baleadas. A motivação está na disputa pelo controle do tráfico de drogas



ROTINA DO MEDO



Bala perdida

Uma dona de 23 anos foi atingida por um tiro de bala perdida no pescoço enquanto brincava com dois filhos acerca de 30 metros de casa, na rua Esperança, às 15h40 do dia 10 de maio. O alvo era um jovem de 23 anos, que foi morto com um tiro.



Assaltada seis vezes

Uma farmácia que fica na Rua das Avenças foi assaltada pela 6ª vez no dia 23 de maio. Da porta do estabelecimento que teve o vidro quebrado pelo assaltante, ao fundo dá para ver o Destacamento da Polícia Militar (DPM), distante cerca de 50 metros da farmácia.

Crianças ganham celulares para entrar no tráfico

Em Feu Rosa, na Serra, não é difícil encontrar relatos de moradores sobre traficantes que andam nas ruas em busca de crianças para aliciar ao tráfico de drogas. E para atrair os pequenos, eles oferecem objetos de consumo, como celulares, em troca de favores.

De acordo com uma dona de casa de 43 anos, um traficante perguntou ao filho dela, de 10 anos, se ele queria ganhar um celular para levar uma carga de drogas a uma boca de fumo. “É assim que eles fazem. Oferecem coisas de valor porque sabem que as crianças não têm noção do perigo”, afirmou.

Uma moradora que vende balas na porta de escolas contou que fica assustada com o envolvimento de crianças no tráfico.

“Quando vão comprar bala, tiram aquele bolo de notas e dizem ‘nesse dinheiro aqui eu não posso mexer porque é do tráfico’, na maior naturalidade”, relatou.

Uma estudante de 16 anos contou que em uma escola da rede estadual, adolescentes chegam a pular o muro para usar drogas no recreio. Mas o coordenador da Patrulha Escolar no Estado, capitão Warner Di Francesco, disse não ter conhecimento sobre o caso.



APOSENTADO COM AS FOTOS dos dois filhos mortos pela violência no bairro Feu Rosa, na Serra. "Se eu pudesse, teria criado eles em outro lugar", desabafou.

APOSENTADO QUE TEVE DOIS FILHOS ASSASSINADOS

“Lutei pra criar meus filhos e perdi a troco de nada”

Olhar triste de um aposentado de 61 anos é de quem sente a dor de ter perdido dois filhos assassinados.

Pai de quatro filhos, ele contou que toda as vezes que olha para as fotos em família espalhadas pela estante da casa, no bairro Feu Rosa, na Serra, sente a dor de ter tido a família destruída pela violência.

A TRIBUNA - Quando foi sua primeira perda?

APOSENTADO - Foi há dez anos, mas é como se fosse ontem porque a dor de perder um filho nunca acaba. Ele tinha 18 anos e se envolveu com drogas, mas eu não sabia porque trabalhava o dia todo. Mas aí um dia ele desapareceu... Na verdade, desapareceram com ele.

> Por que tem tanta certeza?

Dias antes, eu descobri que ele estava envolvido com o tráfico de drogas e que estavam atrás dele para matá-lo. Cheguei até a receber uma denúncia de onde estava o corpo dele, mas fui até lá e não encontrei nada. Não pude nem dar um enterro decente pro meu filho. Até isso o tráfico me tirou.

> E a outra perda?

Vai fazer cinco anos no dia 27 de março do ano que vem. Ele era meu filho caçula e tinha 21 anos. E a morte dele nem foi por que ele tinha envolvimento com drogas.

“ Não pude nem dar um enterro decente pro meu filho porque desapareceram com ele. Até isso o tráfico me tirou”

> Foi por que, então?

Ele namorava uma menina que estava ficando com um colega dele da escola. Só que esse colega era traficante e, quando descobriu, veio pra matar ele. Estava na casa da minha cunhada quando meu telefone tocou com a notícia de que tinham matado o meu filho.

> E o que aconteceu com os assassinos?

Foram três pessoas. Um deles era do tráfico e ficou quatro anos

na cadeia, mas já está solto. Os outros dois eu nem sei. Mas, eu não posso fazer nada. Aqui você não pode contar com segurança, porque eles vem e te matam.

> O senhor acha que se vivesse em outro lugar eles poderiam estar vivos?

Eu não sei... Não tem como dizer porque a violência está em todo lugar. Não tem como fugir. É tocar a vida pra frente e viver como pode. Até que, se eu pudesse, teria criado meus filhos em outro lugar. Mas não posso abandonar tudo aqui.

> E como fica o coração?

Ah, não tem um dia que eu esqueço deles! Tem uma parte do coração da gente que nunca é preenchida... É muita dor! Porque eu lutei tanto pra criar meus filhos e depois perdi assim, a troco de nada... É muito triste! Parece que essa angústia nunca vai ter fim.

> Há algo nessa tragédia que te consola?

Sim. O meu neto de 6 anos, do meu filho caçula. A violência o levou, mas pelo menos deixou uma parte dele comigo.

Comerciantes trancam as portas para evitar ataques

Enquanto moradores deixam até de sair de casa com medo de ser vítima de uma bala perdida no bairro Feu Rosa, na Serra, comerciantes precisam trancar as portas por causa do alto índice de assaltos.

Segundo o presidente da Associação de Moradores de Feu Rosa, Miqueias Andrade Pereira, a Rua dos Cravos é campeã de assaltos.

“Tem uma casa lotérica nessa rua que, em menos de três meses, já foi assaltada duas vezes”, reclamou o presidente.

Ainda de acordo com Pereira, ele já chegou a se reunir com o comandante do 6º Batalhão (Serra), tenente-coronel Nylton Rodrigues, solicitando uma radiopatrulha só para atender a Rua dos Cravos para que os comerciantes se sentissem mais seguros.

“Isso foi há oito meses. Eles até atenderam a gente, mas a radiopatrulha só ficou um mês e foi embora”, afirmou Pereira.

O presidente também questionou a ausência do comandante do 6º Batalhão em uma reunião que ocorreu no último dia 29 de maio.

“Divulguei para toda a comuni-

dade. Várias pessoas foram, inclusive comerciantes que não aguentam mais ser assaltados. Mas ele não foi e nem justificou. Agora, a gente está confiando em Deus, porque não se pode confiar na polícia”.

POLÍCIA

O comandante do Policiamento Ostensivo Metropolitano (CPOM), coronel Edmilson dos Santos, informou que o bairro Feu Rosa conta com apoio da Ronda Ostensiva Tática Motorizada (Rotam), além de policiais a pé e em motos.

“Temos ali de seis a oito radiopatrulhas para atender só Feu Rosa e Vila Nova de Colares”, afirmou.

O comandante disse, ainda, que a população pode agendar uma reunião com tenente-coronel Nylton, pois o contato direto com a comunidade contribui para um policiamento mais eficiente.

O coronel acredita que os projetos do programa Estado Presente têm contribuído para a redução da violência. “Com o tempo, a comunidade vai perceber que o programa é válido, pois ações sociais não dão respostas imediatas”.

ESPERANÇA



Esporte para combater o crime

O casal Ida Muniz de Oliveira, 45, e Celso Segadez de Oliveira, 52, tem um projeto voluntário que usa o esporte para tirar os jovens do crime.

“A gente perdeu muitos jovens assassinados porque não conseguiram superar o tráfico e as dro-

gas. Mas temos outros que saíram do crime pelo esporte, por isso, ainda tenho esperança”, afirmou Ida.

O casal atua há cinco anos em Feu Rosa e Vila Nova de Colares e o time “11 de janeiro”, além de outros títulos, é tri-campeão da Copa Feu Rosa.

OUTRO CASO

“A violência levou ele de mim”

Uma dona de casa de 52 anos disse que há 10 anos perdeu o filho para o tráfico de drogas. Ele tinha 18 anos quando foi morto a tiros por traficantes com quem brigava pela disputa de venda de drogas.

“A criminalidade acaba com a vida da gente. Eu sempre quis ter um menino e Deus me deu do jeito que eu queria. Mas aí veio a violência e levou ele de mim”, desabafou.



MICHELLI POSSMOZER

ANÁLISE

“A obtenção de renda fácil impulsiona o tráfico de drogas”

Maria Ângela Rosa Soares
Socióloga e professora universitária



“A violência é manifestada, principalmente, nas áreas urbanas e está no centro da vida cotidiana das cidades e bairros, independentemente da sua infraestrutura.

Ela se apresenta de forma ameaçadora, progressiva e sintomática de uma perversa desigualdade social, envolvendo múltiplos fatores como carência econômica, desagregação da família, fragilização das religiões como entidades agregadoras das comunidades, inoperância do sistema educacional na atração

dos jovens e negligência do Estado em suprir as comunidades nas suas necessidades mais básicas.

Aprofundam-se os contrastes sociais em uma sociedade de consumo que “para ser é preciso ter”, não importando os meios para que se atinjam os objetivos desejados.

Assim, a demanda pelo consumo e a perspectiva de obtenção de renda fácil impulsiona o tráfico ilícito de drogas cuja atuação está, hoje, na base da maioria dos crimes e das ações de violência.”